

## Guerra contra os carros elétricos chineses<sup>1</sup>

Pinelopi Koujianou Goldberg<sup>2</sup>

O governo do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, acaba de anunciar uma tarifa de 100% sobre a importação de veículos elétricos (VEs) produzidos na China, o que instigou Donald Trump a prometer uma de 200% sobre os carros chineses feitos no México, caso seja eleito em novembro. Nenhuma das duas políticas teria efeito perceptível no mercado automotivo dos EUA, uma vez que as importações de VEs chineses pelo país são ínfimas, em função de tarifas anteriores e do sentimento anti-China que tomou conta do país nos últimos anos. Ainda assim, o anúncio é importante por três motivos.

Primeiro, as novas tarifas - que incluem fortes aumentos para vários outros produtos, desde semicondutores a agulhas e seringas - são o último prego no caixão da cooperação comercial entre EUA e China. As negações quanto a um desacoplamento completo entre os dois países agora podem ser deixadas de lado. Acabou qualquer fingimento de que os EUA estão apenas erguendo uma “cerca alta” ao redor de um “quintal pequeno” ou tentando gerenciar riscos de segurança nacional sem prejudicar a cooperação econômica bilateral. EUA e China agora estão em guerra econômica total - e ela terá consequências geopolíticas de longo alcance.

Segundo, as tarifas indicam uma derrota. Atrás nas pesquisas enquanto a eleição deste ano se aproxima, Biden e sua equipe sentem-se obrigados a aderir ao fervor anti-China e anticomércio que emergiu como um dos poucos temas unificadores em um país polarizado. Além disso, as tarifas, combinadas às reclamações americanas de que a China produz em excesso e pressiona o sistema econômico internacional, revelam uma ansiedade de raízes profundas quanto à competitividade internacional dos EUA.

Essas preocupações existem apesar das tarifas anteriores, das restrições às exportações e da política pública industrial agressiva sendo executada através da Lei da Ciência e Chips e da Lei de Redução da Inflação (IRA). Ao ampliar a

---

<sup>1</sup> Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/guerra-contra-os-carros-eletricos-chineses.ghtml>

Acessado em 24.05.2024

<sup>2</sup> Ex-economista-chefe do Banco Mundial e editora-chefe da “American Economic Review”

guerra comercial, o governo está efetivamente admitindo que as políticas anteriores (ainda) não deram resultados, e que a China avança a passos rápidos apesar dos ventos contrários. Mesmo que as tarifas sejam em grande medida apenas simbólicas, elas são um símbolo de fraqueza.

Terceiro, e talvez mais importante, as tarifas sobre os VEs enfraquecem seriamente um plano maior, de combate às mudanças climáticas. Há consenso entre especialistas de que o tempo é essencial na redução das emissões de gases causadores do efeito estufa. A cada ano que passa sem ação, os custos das mudanças climáticas aumentam e nos aproximam de perigosos pontos de inflexão planetários. Na ausência de uma política de atribuição de preços às emissões de carbono, que se mostrou politicamente inviável nos EUA, a redução das emissões do transporte há muito vem sendo uma alternativa viável.

A China é, de longe, a produtora de VEs mais competitiva em termos de preço, graças a altos subsídios ao consumidor que começaram em 2010, a grandes investimentos na infraestrutura de abastecimento e a requisitos de conteúdo local que favorecem as baterias de fabricantes chinesas. Por meio dessas políticas, a China conseguiu se beneficiar de externalidades de rede e do aprendizado na prática.

Muitas das disposições da IRA e do Pacto Verde Europeu - incluindo requisitos de conteúdo local - almejam emular o sucesso da China. No entanto, EUA e Europa começam em grande desvantagem de custo em relação à China; e, embora seja possível debater se o uso no passado de requisitos de conteúdo local pela China foi "justo", isso não muda o fato de que sua indústria de VEs é mais competitiva (em especial na faixa de mercado de preços mais baixos).

Os EUA estão dizendo que políticas climáticas são aceitáveis se promoverem interesses do trabalhador nas economias avançadas, mas não se beneficiarem a China. Se EUA e Europa não se dispõem a colocar o meio ambiente à frente de seus interesses de curto prazo, por que alguém mais deveria?

Como não podemos reescrever a história, deveríamos tentar aproveitar as circunstâncias criadas pela história. Do ponto de vista climático, beneficiar-nos dos VEs produzidos a preços baixos pela China teria sido um passo na direção certa. Agora, contudo, as tarifas atrasarão a adoção dos VEs e poderão colocar em risco todo o mercado de VEs. No melhor cenário, as produtoras dos EUA e da Europa se equiparão às da China, mas só depois de muitos anos. No pior cenário, os consumidores dos EUA simplesmente abrirão mão dos VEs, afastados pelos custos mais altos associados à fabricação nos países ocidentais.

Além das consequências diretas para as emissões de gases causadores do efeito estufa, as tarifas sobre os VEs também expõem a hipocrisia de alguns defensores do combate às mudanças climáticas e enfraquecem ainda mais a causa. O governo Biden está dizendo que as políticas climáticas são aceitáveis se promoverem os interesses dos trabalhadores locais nas economias avançadas,

mas não são se beneficiarem a China. Muitos no Ocidente podem considerar essa forma de ver aceitável. Mas será muito mais difícil pressionar países menos ricos, como a Índia, a adotar políticas verdes que podem ser custosas no curto prazo. Se os EUA e a Europa não estão dispostos a colocar o meio ambiente à frente de seus interesses econômicos de curto prazo, por que alguém mais deveria?

A esta altura, deveria ser óbvio que os esforços recentes para promover interesses econômicos internos por meio da proteção no comércio exterior não conseguiram produzir os resultados desejados. Ainda assim, sempre que um conjunto de medidas desaponta, os EUA intensificam o conflito na esperança de que restrições adicionais sejam mais eficazes. No processo, enfraquecem as próprias causas que defendem (neste caso, o combate às mudanças climáticas).

A melhor maneira de ficar à frente dos rivais não é derrubá-los: é correr mais rápido, concentrando-se no que se faz de melhor. Para os EUA, isso significa promover pesquisa e desenvolvimento, estimular a criação e troca de novas ideias, encorajar a inovação e aproveitar os talentos internacionais. Os EUA deveriam ter como foco criar a próxima Tesla, e não esforços dispendiosos e fúteis para superar rivais de baixo custo.